

Vivências musicais e afetividade no primeiro ano de vida

Comunicação

*Fernanda Peres Gilberti
Unicamp
fpgilberti@gmail.com*

*Silvia Cordeiro Nassif
Unicamp
scnassif@gmail.com*

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento sobre a relação afetiva entre a mãe e o bebê e sua influência no desenvolvimento musical durante o primeiro ano de vida. Com base na psicologia histórico-cultural, discutiremos o papel das relações humanas na mediação musical, a partir da relação entre a mãe e o bebê, e a dimensão afetiva envolvida no processo de desenvolvimento musical do bebê. A pesquisa parte do estudo sobre afetividade, aprendizado e desenvolvimento segundo a perspectiva teórica de Vigotski e Wallon, e envolverá em uma etapa posterior um estudo de caso a partir da execução de uma roda de música com mães e bebês para a obtenção de dados complementares para a discussão proposta. Os estudos desenvolvidos até o momento revelam a natureza afetiva do aprendizado e a importância das interações afetivas maternas nas primeiras vivências musicais como um fator determinante na relação que o bebê estabelecerá com a música e, conseqüentemente, em sua constituição musical.

Palavras-chave: Afetividade; Educação musical de bebês; Desenvolvimento musical.

Introdução

Historicamente, em diversas culturas o hábito musical está integrado à rotina dos bebês através do canto, de brincadeiras sonoras e das músicas ouvidas em seu ambiente (TREHUB, 2002). Os primeiros contatos sonoros e musicais do bebê acontecem em situações cotidianas, através de interações com a mãe ou pessoas próximas como pais, avós, irmãos e babás. E essas primeiras experiências são marcadas por vínculos afetivos, influenciando a relação que se estabelecerá entre o bebê e a música. Nesse contexto, o bebê interage de maneira ativa às práticas sonoras e musicais com a mãe, demonstrando desde o nascimento uma sensibilidade musical bastante aguçada e um grande interesse por música.

De acordo com a abordagem proposta pela psicologia histórico-cultural, as interações sociais e a afetividade no aprendizado caracterizam-se como questões fundamentais para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, pensar em desenvolvimento musical envolve olhar para o processo de apropriação musical a partir das relações sociais e afetivas envolvidas, além das aquisições musicais em si.

Com base nessa perspectiva, este trabalho propõe uma reflexão sobre o desenvolvimento musical a partir da relação afetiva entre a mãe e o bebê nas primeiras vivências musicais cotidianas, abordando em um segundo momento aspectos do desenvolvimento musical do bebê no primeiro ano de vida.

Relações humanas e afetividade no desenvolvimento musical

O desenvolvimento humano é abordado pela psicologia histórico-cultural como um processo sociocultural e historicamente constituído, determinado pelas interações do indivíduo com seu meio (VIGOTSKI, 2007). Nessa perspectiva, a relação do indivíduo com o mundo não é direta, mas essencialmente mediada pelo ambiente físico e social. É através da interação com outros indivíduos e sistemas simbólicos, ou seja, da mediação social e semiótica¹ que se dá a apropriação das formas de comportamento e funcionamento cultural de cada grupo, como por exemplo a linguagem e a música. Assim, a apropriação da linguagem musical se dá através de interações cotidianas do bebê com a música, como ouvir canções de ninar, participar de brincadeiras musicais com a mãe ou explorar sonoridades de instrumentos musicais, além do contato sistematizado escolar. O aprendizado está totalmente vinculado às vivências individuais, que se configuram de modo único e imprevisível a partir das relações de cada indivíduo com seu ambiente sociocultural.

Nesse contexto, a relação afetiva com a mãe, assim como outras pessoas próximas do convívio, assume um papel fundamental no processo de desenvolvimento global e musical do bebê. Estudos revelam que desde a gestação o bebê já é capaz de perceber e reagir aos estímulos do ambiente, como os sons e a música, além de reconhecer a voz materna e estabelecer vínculos afetivos com suas experiências (ILARI, 2002).

¹ Sobre as diferentes formas de mediação na perspectiva vigotskiana, ver PINO, 2005.

Após o nascimento, salvo em casos adversos, a relação entre a mãe e o bebê torna-se imprescindível para a sobrevivência e a integração sociocultural do recém-nascido. Os vínculos afetivos dessa relação tornam-se ainda mais intensos pela constante interação tanto através de cuidados básicos, como a amamentação e a troca de fraldas, quanto através da comunicação e da integração social, como a fala, as brincadeiras musicais e o canto.

Neste momento, o bebê passa a interagir cada vez mais com seu ambiente sonoro, ampliando sua percepção e formas de produção sonora. Inicialmente, o bebê se comunica através do choro para expressar necessidades básicas como sono, fome ou para pedir colo. Com o desenvolvimento cognitivo e motor, além das experiências sonoras, a comunicação do bebê vai se elaborando e adquirindo novas nuances. O bebê amplia sua percepção do ambiente sonoro, reagindo a barulhos, vozes familiares e sonoridades dos objetos. Também começa a explorar sua capacidade de produção sonora, como balbucios e vocalizações, e gradualmente passa a responder a voz da mãe ou pessoas próximas demonstrando uma interação cada vez maior com seu meio.

Nesse contexto, as primeiras formas de comunicação ocorrem através de interações afetivas com o bebê. Wallon (GALVÃO, 2000, p. 60-61), ao abordar o desenvolvimento durante o primeiro ano de vida, afirma que entre o bebê e a mãe, além de outras pessoas próximas, desenvolve-se uma intensa comunicação afetiva baseada em componentes corporais e expressivos, possibilitando gradualmente que o bebê estabeleça ligações entre seus atos e os do ambiente, tornando suas reações cada vez mais intencionais. Nesse sentido, o olhar, o toque, os gestos, os movimentos de carregar, de ninar, de dança, a fala, as canções para embalar o sono, o canto e as brincadeiras musicais se constituem como as primeiras formas de expressão e comunicação afetiva entre a mãe e o bebê.

Assim, a mãe e o bebê estabelecem seus primeiros diálogos, caracterizados por respostas, interpretações e imitações das expressões um do outro (FILIPAK; ILARI, 2005). Nessas imitações, tanto a mãe busca reproduzir a linguagem do bebê quanto o bebê tenta imitar as qualidades vocais maternas, em interações fundamentais para a percepção e expressão sonora do bebê. Além disso, durante essas explorações sonoras são criados diversos jogos, canções e brincadeiras musicais. Nesse sentido, a mãe e o bebê se

influenciam reciprocamente, estabelecendo um espaço de trocas mútuas e de participação ativa e dinâmica do bebê nas interações.

Ao abordar o desenvolvimento da criança, Wallon (2007) destaca a dimensão afetiva desse processo. Assim como Vigotski, pressupõe as interações com o meio físico e social como condição fundamental para o desenvolvimento humano. A teoria walloniana aborda o estudo do desenvolvimento a partir da relação dialética entre a afetividade, a cognição e o movimento, definidos como campos funcionais. Os três campos funcionais são vinculados entre si e atuam de forma integrada em cada etapa do desenvolvimento, formando conjuntamente um quarto campo correspondente à pessoa. Wallon também propõe estágios de desenvolvimento nos quais há o predomínio da afetividade ou da cognição alternadamente, tendo sempre como suporte a dimensão motora.

Embora haja uma alternância entre os campos funcionais a cada etapa, em sua abordagem Wallon ressalta o funcionamento integrado entre a afetividade e a cognição e a interferência mútua entre essas funções como parte de um processo único de desenvolvimento. Nesse sentido, os avanços na dimensão afetiva causam impactos na dimensão cognitiva e vice-versa, conforme afirma Galvão:

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação. (GALVÃO, 2000, p.45)

No estágio impulsivo emocional, correspondente ao primeiro ano de vida, o afeto é predominante e orienta as interações do bebê com o meio. Conforme aponta Galvão (2000, p.45), esse estágio é caracterizado por uma “afetividade impulsiva, emocional, que se nutre pelo olhar, pelo contato físico e se expressa em gestos, mímicas e posturas”. Essa fase é marcada por um estado inicial de indiferenciação, no qual o recém-nascido percebe-se fundido nos objetos, nas situações familiares e nos outros. Através da interação com o meio físico e social, que nessa etapa se dá predominantemente pelo afeto, o bebê irá pouco a pouco adquirir consciência de si percebendo seus limites corporais, o mundo físico e o outro de maneira diferenciada, construindo seu “eu corporal” e “eu psíquico”.

Ao pensarmos sobre a constituição humana nessa perspectiva, a relação com o outro e a afetividade se colocam como questões centrais, pois todo processo de aprendizado

e, logo, de constituição do ser humano, está condicionado às mediações sociais e afetivas. Nesse sentido, a qualidade afetiva das relações entre o bebê e o meio, social e físico, influenciará os vínculos que serão estabelecidos a partir suas experiências e, logo, todo seu processo de desenvolvimento. No caso da música, o contato com o universo musical através da relação afetiva com a mãe provavelmente será determinante na relação que o bebê estabelecerá com a música e, conseqüentemente, em seu processo de apropriação e constituição musical.

Vivências musicais do bebê no primeiro ano de vida

Em diferentes culturas, a música está presente como uma das primeiras formas de interação entre mães e bebês, especialmente através do canto. Segundo Trehub (2002), o canto materno têm características singulares e significativas para o bebê, como sua grande expressividade emocional e o fato de ser ajustado de acordo com a necessidade emocional imediata do bebê, seja para acalmar ou brincar, diferenciando-se significativamente de outros tipos de canto. Pesquisas (TREHUB, 2002, 2019) demonstram que os bebês têm maior interesse pelo canto do que pela fala materna, reagindo de forma diferente ao ouvir o repertório de canções da mãe mesmo quando cantado por outras pessoas. Além disso, o contato com a música através de interações com a mãe apresenta uma qualidade de respostas e atitudes dos bebês notadamente superior em relação às gravações, revelando que a mediação musical materna têm qualidades humanas e afetivas determinantes na forma do bebê interagir, vivenciar e, logo, de significar a linguagem musical.

Além do aspecto sonoro, as vivências afetivas do bebê com a mãe se constituem de maneira única através de elementos expressivos e comunicativos como o olhar, o toque, os gestos e os movimentos envolvidos, como balançar, embalar e dançar, possibilitando que a música seja apreendida em diferentes dimensões sensoriais. Ao cantar para o bebê, a mãe tem uma expressão facial, um olhar, um tipo de inflexão e intensidade vocal, um ritmo de movimentação corporal, entre outros aspectos, que irão prover estímulos visuais, tácteis, corporais e sensoriais ao bebê, além do estímulo auditivo. Assim, todo o contexto envolvido nas experiências musicais adquire importância na construção dos primeiros contatos do bebê com a música. As atividades musicais, os vínculos afetivos do bebê com as pessoas

envolvidas, as formas de interação, a situação, o tipo de repertório, a frequência, o lugar, ou seja, todos os elementos que integram esse contexto influenciarão os significados atribuídos a essas experiências musicais e, logo, às relações que se estabelecerão entre o bebê e a música .

Nessa perspectiva, o desenvolvimento não é determinado pelas experiências em si, mas pelas relações que se constituem a partir das mesmas de modo subjetivo e individual. No caso do bebê, que interage com o mundo predominantemente através do afeto, a qualidade afetiva das relações estabelecidas a partir de suas experiências torna-se determinante para seu aprendizado e desenvolvimento musical. Beyer (2003, 2008) destaca como a participação e o interesse da mãe ou do cuidador influencia a forma de interação dos bebês com a música, assim como seu desenvolvimento musical. Já Soares (2008) relata que os bebês demonstram grande concentração nas atividades musicais, mesmo quando há outros estímulos no ambiente, e relaciona as preferências musicais dos bebês às músicas ouvidas por seus pais.

Nesse sentido, as formas de mediação e as relações sociais, sobretudo aquelas caracterizadas por vínculos afetivos mais intensos, adquirem um papel central no processo de apropriação e uso da linguagem musical. Conforme aponta Schroeder (2011, p.80), a maneira como a música é trazida para as crianças influencia a construção de um modo próprio delas de relação com essa linguagem, facilitando ou dificultando a sua possibilidade de apropriação e uso.

As canções, as brincadeiras musicais, as conversas e as explorações sonoras, ou seja, as primeiras interações musicais do bebê com a mãe em situações cotidianas proporcionam experiências afetivas e significativas para o desenvolvimento musical. Essas experiências são frequentemente integradas a outras atividades como a troca de fraldas, o relaxamento para dormir, durante as refeições ou o banho, em situações onde não há uma intencionalidade ou preocupação com o aprendizado de conteúdos musicais, mas apenas com a interação e a comunicação através da música.

O meio social e físico poderá oferecer condições favoráveis ou não, definindo potencialmente maiores possibilidades ou limitações ao processo de aquisição e desenvolvimento musical. Em um ambiente onde a música é valorizada, provavelmente o bebê terá contato com um repertório variado, com execuções musicais de boa qualidade,

com a prática e o uso da linguagem musical como forma de interação através da mãe ou de pessoas afetivamente próximas a ele, além de ser estimulado através de brinquedos sonoros e instrumentos musicais. No entanto, o contato com o meio por si só não é suficiente para promover o desenvolvimento, pois este depende totalmente das formas de mediação da linguagem musical e das relações subjetivas que se estabelecerão entre o bebê e seu ambiente sociocultural.

Considerações preliminares

Assim, ao refletirmos sobre o desenvolvimento musical de bebês torna-se necessário olharmos para o processo de apropriação musical a partir das relações sociais e afetivas envolvidas. Considerando o papel da mediação musical materna e sua influência nas formas do bebê vivenciar e atribuir significados à linguagem musical, podemos pensar que esta pode se constituir como uma forma singular e privilegiada de entrada da música na vida do bebê.

No momento dos primeiros contatos do bebê com a música, ao invés de nos preocuparmos com programas, conteúdos ou formas “corretas” de estimular o bebê (que muitas vezes condicionam respostas e excluem o prazer das vivências musicais), talvez o mais importante seja considerarmos uma pluralidade de formas de vivenciar a música, compreendendo o desenvolvimento de cada bebê como um processo único e individual. Deste modo, podemos pensar em uma educação musical mais sensível e inclusiva, possibilitando antes de tudo que o bebê vivencie livremente a música e estabeleça relações afetivas positivas com essas experiências.

Referências

BEYER, E. A interação musical em bebês: algumas concepções. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria: UFSM, v. 28, n. 2, p. 87-97, 2003.

_____. A importância da interação no desenvolvimento cognitivo musical: um estudo com bebês de 0 a 24 meses. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4, 2008, São Paulo. Anais. São Paulo: Paulistana, 2008, p. 271-276.

FILIPAK, R.; ILARI, B. S. Mães e bebês: vivência e linguagem musical. *Música Hodie*, v. 5, n. 1, p. 85-100, 2005.

GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ILARI, B. S. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, n. 7, p. 83-90, 2002.

NASSIF, S. C. Música, educação e desenvolvimento infantil: em foco as relações com o meio. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM, 10, 2016, Rio de Janeiro. Anais. Londrina: ABEM, 2016.

PINO, A. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHROEDER, S. C. N.; SCHROEDER, J. L. Apropriação da música por crianças pequenas: mediação, sentidos musicais e valores estéticos. In: SMOLKA, A. L. B.; NOGUEIRA, A. L. (orgs.). *Emoção, memória e imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 57-83.

SOARES, C. V. S. Música na creche: possibilidades de musicalização de bebês. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 20, p. 79-88, 2008.

TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski*. Campinas: Papyrus, 2011.

TREHUB, S. E. Mothers are musical mentors. *Zero to Three*, 23(1), p. 19-22, set. 2002.

_____. Nurturing infants with music. *International Journal of Music in Early Childhood*, 14, p. 9–15, 2019.

VIGOTSKI, L. S. *Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad.: J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Pensamento e Linguagem*. Trad.: J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Psicologia pedagógica*. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Trad.: C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XII Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical

A Educação Musical Brasileira e a construção de um outro mundo:

proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM

09 a 20 de novembro de 2020